

FRAGMENTOS SOBRE CAPITALISMO E LUTAS LIBERTÁRIAS NA PÓS-MODERNIDADE. TERRORISMOS POÉTICOS E ZONAS AUTÔNOMAS TEMPORÁRIAS COMO POSSIBILIDADES DE ENFRENTAMENTO

Pedro José Gabos Varanese

“... Deliberadamente procurei não definir o que é a TAZ (...) No final, a TAZ é quase auto-explicativa. Se o termo entrasse em uso seria compreendido sem dificuldades... compreendido em ação.”

Hakim Bey. TAZ. p. 14

Que fazemos com esse tal de capitalismo?

1- Quer viver? Você precisa de comida, água, energia, roupas, abrigo... nada disso você consegue sem dinheiro. Nada de dinheiro você consegue sem submeter-se um pouco que seja a um trabalho cujo resultado lhe seja alheio. Quer apenas andar por aí, mas por aí é cheio de fronteiras, elas estão por toda a parte, entre os países, entre as tribos, entre os sexos, nas portas dos prédios comerciais, dos prédios públicos e dos privados. E quanto às ruas, a rigor só devemos usá-las para trafegar em direção ao nosso trabalho, à nossa escola ou ao nosso shopping-center. – Mas eu só quero fumar minha ervinha aqui... eu só quero andar nu, pois sinto calor... gostei dessa árvore, só quero parar diante dela e me masturbar um pouco ... – Para tudo isso existe a polícia, ou antes, a educação, além da televisão é claro.

Mas você quer ser livre? Fique à vontade. Caminhe até a loja de departamentos mais próxima e te oferecerão a liberdade em várias cores, tamanhos, cheiros; pode encomendá-la pela internet também se lhe parecer mais confortável. Obviamente essa liberdade será comprada com o dinheiro conseguido com seu suado trabalho. Para ficar livre você também deve estudar e entregar seus trabalhos no prazo. Vivemos afinal na era do pós-capitalismo pós-moderno?

2- Estratificar, colocar as coisas em seus devidos lugares. É essa operação que diz respeito à máquina capitalista. Olhe em volta e diga sinceramente que essa máquina já foi superada. Não foi, mas muitas foram as tentativas ao longo da história de quebrá-la. Os proletários de todo mundo tentaram se unir para derrotá-la. Mas a máquina aperfeiçoou-se

mais rapidamente que a luta do proletariado. Hoje a máquina atingiu tão alto nível de eficiência que suas funções foram divididas entre todos nós, que dela nos alimentamos e por ela somos oprimidos.

3- Aonde desligamos o botão? Pode-se dizer que dificilmente o capitalismo será travado em escala global. Hoje você compra o Manifesto Comunista em qualquer livraria. O mercado nada faz senão agradecer. Fugir dele parece impossível: não há mais terra sem dono, nem rio sem veneno, as florestas que sobraram são controladas por satélites ou por “funais”. Se é verdade que não existem mais possibilidades de vida que não estejam contaminadas pelo dinheiro, se desapareceram todos os bosques de Thoreau, que fazer então? Talvez devamos bradar “Viva o Capitalismo!”. Porque pelo menos isso podemos fazer com *ironia*.

4- Para o capitalismo sobreviver até hoje com tal força indestrutível e com tamanha abrangência teve de deitar tentáculos por demais longos, teve de fagocitar todos os seus inimigos, teve de abraçá-los e aceitá-los como filhos. Ele jamais para de fazer isso, sua barriga não para de crescer. Dentro dela você encontra tanto os nossos tios Marx e Engels quanto camisetas do BOPE. A pergunta está feita. Quando ele sofrerá de congestão? Ou, o que podemos fazer para explodir-lhe a barriga?

Homem-bomba pós-moderno, ou o agente desestabilizador

1- A virtualização das trocas – mote primeiro do capital – passa hoje por uma virtualização da vida (capital-vida-biopolítica). Isso se dá por uma cartografia complexa operada pelo mercado para alcançar camadas cada vez mais profundas da sociabilidade e da existência.

O sistema é então uma *net*. A net é uma malha que recobre a terra em escala 1:1, tal qual o mapa de Borges¹. Mas, como toda malha, tem seus interstícios, seus minúsculos

¹ “Naquele Império, a Arte da Cartografia logrou tal perfeição que o mapa de uma única Província ocupava toda uma Cidade, e o mapa do império, toda uma Província. Com o tempo, esses Mapas Desmedidos não satisfizeram e os Colégios de Cartógrafos levantaram um Mapa do Império, que tinha o tamanho do Império e coincidia pontualmente com ele. Menos Adictas ao Estudo da Cartografia, as Gerações Seguintes entenderam que esse dilatado Mapa era Inútil e não sem Impiedade o entregaram às Inclemências do Sol e dos Invernos. Nos desertos do Oeste perduram despedaçadas Ruínas do Mapa, habitadas por Animais e por Mendigos; em todo o País não há outra relíquia das Disciplinas Cartográficas.” In <http://l-63.blogspot.com/2009/03/do-rigor-na-ciencia-jorge-luis-borges.html>

buraquinhos. São por essas frestas descobertas que entram (ou saem) os hackers da política, que constroem uma *web* dentro da *net* transformando a malha em feltro, a ordem em confusão.²

(Aproveito para retificar imediatamente a expressão “Viva o Capitalismo!” na seção 3 do Rizoma 1°. Trata-se de uma farsa, uma ironia, que tem por fim confundir a própria atividade estratificadora. Como se disséssemos a ela, não se preocupe, não precisa nos seduzir, somos seus amigos.)

2- Entendo dessa forma: Sociedade de controle é uma abstração. Não diz respeito a um regime político nem aponta um ou alguns grupos empoderados – embora isso também componha o conceito – não é uma ideologia dominante dentro de um processo dialético: Por que não falamos de burgueses contra proletários, homens contra mulheres, brancos contra negros? Porque a sociedade de controle diz muito mais de uma maneira de entender como as pessoas se organizam de maneira repressora. Não há uma torre de vigilância a ser derrubada, mas há um controle que é exercido e mantido nas relações de pessoa para pessoa, delas para o mercado, para as instituições controladoras, para os regimes de signos e desses de volta para as pessoas. O capital, o controle, a força motriz de toda pulsão de dominação, exploração e moral se refletem em cada um de nós. Graças a nós que podemos olhar em volta e dizer que vivemos em uma sociedade de controle. Mas também é graças a nós que nem todos os livros foram queimados. Em Farenheit 451 de Truffaut, o controle sobre as pessoas é mantido afastando-as dos livros. Todo e qualquer livro traz a semente da revolta e deve ser queimado. Os únicos livros que não foram queimados foram os que desapareceram, diluindo-se na subjetividade de alguns rebeldes, que se tornaram os homens-livro. Para que a poesia sobrevivesse essas pessoas precisaram desconstruir seu modo de expressão, sua linguagem e, no limite, seus corpos, precisaram transformar-se em livros. É esse movimento de desterritorialização que possibilita a criação de espaços livres em um mundo inteiramente recoberto por intrincadas linhas de poder.

3- Hakim Bey é um estudioso e militante pela formação desses espaços-livres, os quais ele nomeia de Zonas Autônomas Temporárias (TAZ). O mais interessante é que as estratégias para atingir esses vacúolos temporários de liberdade sempre passam pelo campo estético-poético-artístico, funcionando esse como elemento supremo da subversão. Hakim

² “Como se a internet fosse uma rede de pesca e a web as teias de aranha tecidas entre os interstícios e rupturas da net” BEY, 2004, p. 31.

Bey já havia denominado esse conjunto de estratégias de luta de Terrorismo Poético. Subsidiária essa discussão Deleuze, Guattari, Foucault e Artaud, na medida que se pode afirmar por eles que a ação artística-estética-poética é constituída por linhas de fuga, desterritorializações, rizomas, intensidades a-significantes que desorganizam o corpo possibilitando a emergência do corpo-sem-órgãos. Esse corpo-sem-órgãos é um agente desestabilizador, ele é o rizoma original que precede todo e qualquer “corpo orgânico”. Acessá-lo pode significar uma expansão de potências nos corpos, bem como uma expansão das possibilidades de ressonância da linguagem e – se não tomarmos cuidado – pode significar também a morte! É ele que transforma o sistema em Caos. Nem que a vida desse corpo sem órgãos tenha durado apenas um minuto, as estruturas que ele abalou jamais serão as mesmas. O corpo sem órgão é o homem-bomba pós-moderno, ele é o próprio terrorista poeta.

História

1- Os enfrentamentos sociais até fins do século XX seguiam mais ou menos um padrão de movimento que ia das margens para o centro. As cartilhas comunistas elaboradas por Marx e Engels visualizavam o centro do poder opressor na burguesia industrial e em seu aparelho de Estado. A Revolução Comunista começaria com um movimento da margem do poder, dos operários, que aos poucos ocupariam o centro, apropriando-se de suas estruturas e instaurando uma nova ordem total. O capitalismo industrial do século XIX pedia que se combatesse o totalitarismo operando um novo totalitarismo, esse porém justo e verdadeiro. Vimos como as tentativas de socialização da economia de algumas nações desaguaram em sistemas tão estratificados e burocráticos como o era seu predecessor.

Lendo Foucault pude pensar que isso se deu por causa da impossibilidade de se tomar o centro do poder para globalizar uma nova lógica de relações sociais. Simplesmente porque o que chamamos de poder está dissolvido em toda a malha de relações sociais, a burocracia e a opressão estão enraizadas em instituições capilares. É por isso que a luta contra o poder na sociedade disciplinar de Foucault se dá em escala microfísica. Ela é travada nos espaços descentralizados onde se opera o adestramento dos corpos. Não existe unidade na luta, parece nos dizer Foucault.

A diferença da sociedade disciplinar para a sociedade de controle de Deleuze é que nesta última o sistema parece englobar todas as suas margens, ele abraça tudo o que lhe faz mal. A sociedade de controle é permissiva, a palavra inscrita na sua bandeira é liberdade.

Vivemos a própria Liberterra de Borroughs³. De maneira ainda não homogênea tudo passa a ser permitido e comercializado no capitalismo, Camisetas do Chê, CDs do Osvaldinho da Cuíca⁴ e livros do Hakim Bey. Não há mais desvios, desaparece (ou melhor, vende-se) a imagem do maldito, dissolve-se a noção de margem/centro. Até o limite da esquizofrenia tudo pode ser controlado.

2- É possível ver o que muda entre as construções históricas de Capitalismo industrial, sociedade disciplinar e sociedade de controle. Parece que vemos a violência estatal dar lugar às violências institucionais para, em seguida, até a violência policial e o controle institucional serem substituídos, ou melhor, agregados a um outro tipo de controle: auto-controle. Isso não acontece por uma manipulação das massas, é o povo quem elege seus meios de comunicação para defensores do ideal de liberdade. Estamos no tempo do vale tudo, mas com moderação. É claro que existem situações de guerra, teocentrismo, ditadura militar, doença e fome, para as quais tais valores não se aplicam sem discrepância. Mas os lugares onde essas coisas acontecem não estão no centro do novo mundo. Esse lugares são vistos no novo mundo como a periferia – e é aí que a sociedade de controle admite um fora – são a imagem do velho, do anacrônico, da decadência. Isso é de alguma maneira substrato do nosso imaginário de liberdade, que idealiza seu oposto. Podemos dormir tranqüilos sabendo que não somos dominados como os outros. A partir disso as classes médias vão construindo seus preconceitos, vão erguendo suas muralhas de proteção, suas malhas de poder. Viramos reacionários por opção, para defendermos o mundo onde tudo pode.

3- Para Michael Hardt, a história da vitória do capitalismo é a história do fim da história. É o fim das guerras de fronteiras, o fim das crises dialéticas, o fim do dentro e do fora. Hoje todo o mundo é conhecido, esquadrihado por mapas e vigiado por satélites, vivemos uma época de derrubamento de todas as barreiras. Não há inimigos claros para a sociedade de controle, pois ela é múltipla, engloba todas as alteridades possíveis: “Esse pluralismo aceita todas as diferenças em nossas identidades, sob a condição de concordarmos

³ O dr. Benway fora nomeado conselheiro da República de Liberterra, um lugar consagrado ao amor livre e aos banhos constantes;. Os cidadãos são bem ajustados, com espírito de cooperação, honestos, tolerantes, e acima de tudo limpos. Mas a contratação de Benway indica que nem tudo vai bem por traz dessa higiênica fachada; Benway é um manipulador e coordenador de sistemas simbólicos, um especialista em todo tipo de interrogatório, lavagem cerebral e controle. (...) O primeiro ato de Benway foi abolir os campos de concentração, as prisões em massa e – a não ser em circunstâncias especiais e limitadas – o uso da tortura.” BURROUGHS, s/d, p.31.

⁴ Sambista paulistano que surgiu de um movimento de engraxates do Bexiga, que se reuniam para fazer samba usando seus instrumentos de trabalho como instrumentos musicais.

em agir tendo por base essas diferenças de identidade, preservando-as, assim, como indicadores talvez contingentes, mas totalmente sólidos, de separação social.”⁵

As fronteiras mundiais desaparecem frente ao mercado. “Em sua forma ideal, não há um fora do mercado mundial: o planeta inteiro é seu domínio.”⁶ Todos são obrigados a se relacionar uns com os outros, mas através da linguagem impessoal e irreal do sistema financeiro. Esse movimento está articulado a um recrudescimento das fronteiras interpessoais, estejam elas entre grupos socialmente diferentes, que devem ser mantidos apartados em nome da segurança (condomínios fechados, espaços de convívio restritos), ou entre integrantes de um mesmo grupo, que também passam a mediar suas relações por uma linguagem insensível (o computador, a televisão, as diversões em formato, as práticas consumistas, os dialetos de trabalho etc.).

4- Deleuze diz que a sociedade de controle emerge das ruínas dos muros institucionais da sociedade disciplinar⁷. Na sociedade disciplinar há um foco de relações de poder em cada instituição disciplinar: escola, exército, prisão, família. Essas instituições entraram em crise, estão se esfacelando. Isso não significa que o poder exercido nessas instituições esta se extinguindo. Está antes, se diluindo. A crise da instituição familiar não quer dizer que o poder patriarcal perdeu a cabeça, mas sim que ele perdeu os limites que o circunscreviam à família. As grades das prisões estão caindo porque os cidadãos estão se encarcerando por conta própria e estão evitando cada vez mais circular na rua à noite. O caso da garota que quase foi linchada no Campus da Uniban por causa do seu vestidinho “imoral” mostra que não precisamos mais do poder clerical para exercer a repressão sexual. Se para Foucault o poder é capilar, para Deleuze ele é invisível e onipresente. Está em todos os lugares e em lugar nenhum.

5- A tática colocada em curso pelas políticas disciplinares que vêm se afirmando desde o século XVII prezava por isolar o elemento desviante, o câncer, aquele que se mostrasse irreduzível ao projeto ordenador. Essa tática mostrou uma face desastrosa. Deleuze diz que os “excêntricos” são numerosos demais para serem todos confinados e vigiados por uma elite sã. As tentativas de isolamento que estão, por exemplo, nos antecedentes das constituições das favelas, mostra ainda uma outra fragilidade: os isolados

⁵ HARDT, Michael.. 2000. p. 364

⁶ *ibid.* p. 361

⁷ DELEUZE. 1992. p. 220

são vivos demais para não extrapolar os limites higiênicos que lhes foram impostos. Não digo apenas no aspecto que tange à “produção de vida”, crescimento populacional e conseqüentemente territorial, mas principalmente no que diz respeito ao “intempestivo da vida”, aquela margem de erro que irá provocar transformações, ressignificações, afetações da realidade e irão ressonar para além dos limites do isolamento, sejam eles as grades de uma cela, as paredes de uma escola, as distâncias ou os muros que separam “guetos de miséria” do espaço urbano progressista, sejam as fronteiras simbólicas entre grupos de indivíduos. Os desviantes são vivos demais para permanecerem no lugar a que são circunscritos. É por isso que as estratégias de controle vão deixando de se configurar pelo isolamento estrutural e vão passando a se constituir por um isolamento cada vez mais intrínseco, ainda mais microfísico. Como nos faz pensar Hardt, qualquer tipo de subjetividade tem o direito de existir na sociedade de controle, desde que as pessoas passem a se organizar em torno de identidades sociais herméticas: aceitamos a diferença, não dialogamos com ela. “...os espaços fechados que definiam o espaço limitado das instituições deixam de existir, de maneira que a lógica que funcionava outrora principalmente no interior dos muros institucionais se estende, hoje a todo o campo social”⁸

6- Chico⁹ relatava à Josué¹⁰ que a desgraça aqui na terra só aumentava: “Quanto mais miséria tem mais urubu ameaça!”. Josué balançava a cabeça desconsolado. Afinal ele próprio já havia dito – quando estava vivo – uma coisa que de tão óbvia, é assustador que as pessoas ainda não tenham percebido. Tentava ele aflito alertar ao mundo que essa desgraça da miséria, da fome, não era culpa da mãe natureza; que não é simplesmente por nascer no mangue, que o caranguejo vira gabiru. A fome é coisa humana, produto obtido a partir da “junção de esforços do tele-encéfalo altamente desenvolvido com o polegar opositor” de muita gente. A seca mata no sertão. No mesmo sertão onde existem férteis fazendas com algumas centenas de cabeças de gado. O gado é assassinado, picotado, empacotado e consumido no mercado carnívoro das cidades civilizadas do sul... fornecendo-nos energia para trabalhar e movimentar a gigantesca engrenagem econômica brasileira, que se engata com as engrenagens que fazem correr as cifras das aracruzes, das bunges, Monsanto, Coca-Colas, Roches e Rockefeller. A fome mata, a criminalidade mata, o crack mata, mas não porque o primeiro morto fosse geograficamente azarado, o segundo bandido e

⁸ HARDT. 2000 p. 369

⁹ Science. *1966 +1997

¹⁰ de Castro. *1908 +1973

o terceiro drogado. Mas porque a sociedade produz desfavores geográficos, cria bandidos e se droga. Nós construímos um sistema frondoso – que se alimenta de carne humana. A miséria é que sustenta os urubus.

7- Dá mesma forma que a mendicância e a criminalidade não se explicam por uma pulsão negativa ou por uma má-índole do sujeito – discurso que legitima práticas higienistas e punitivas micro-nazistas – aquilo que chamamos de desvio mental (déficits de atenção, hiperatividade, neurose, psicose) não pode ser encarado pelo discurso de natureza deformada do sujeito, que legitima as práticas farmacológicas corretivas de caráter – não menos micro-nazistas. Não devemos forçar o a-normal a caber na forma da sociedade. Mas sim agenciar-lo com uma mudança da sociedade. Nesse sentido, só é possível uma análise psicológica que busca as variáveis de sociabilidade dos sintomas individuais, da mesma maneira que uma análise sociológica deve ter em conta as dissonâncias psíquicas que edificam as patologias estruturais, ao mesmo tempo que são provocadas por elas.¹¹ *Toda doença é uma doença social.*

8- *Não é possível opor psicologia e sociologia?* O que tem manifestação direta no infinitesimal do corpo, que acontece naquilo que se pode chamar de nível de individualidade, é sempre convocado a propagar um fluxo energético que tem origem e destino no campo social. O que será feito dessa vibração energética (onda), seja ela histórica ou a-histórica, materializa-se em repressão (recalque), imitação (decalque), ou criação (conjugação de fluxos). Irá ressonar micropolíticamente, através das afetações às quais esse corpo será exposto; originando, redundando, ou desmantelando o que alguns chamam de estrutura social.

**Me organizando posso desorganizar,
Desorganizando posso me organizar...**¹²

¹¹ “É que Durkheim encontrava um objeto privilegiado nas grandes representações coletivas, geralmente binárias, ressonantes, sobrecodificadas... Tarde objecta que as representações coletivas supõem aquilo que é preciso explicar, isto é, a similitude de milhões de homens”. É por isso que Tarde se interessa mais pelo mundo do detalhe ou do infinitesimal: as pequenas imitações, oposições e invenções, que constituem toda uma matéria sub-representativa.” DELEUZE; GUATTARI, 1995. vol 3. p. 98.

¹²

Salve Chico Science!

1- No princípio, somos todos iguais – homens, mulheres, animais, plantas, terra. “*Banabatiari*: somos todos filhos da terra”¹³ Só que esse início está perdido no infinito conceitual da origem do universo – inacessível. Quem seremos depende exclusivamente dos agenciamentos, das subjetivações e dos impactos que sofremos desde o momento que passamos a existir, por isso as alterações de rota, a emergência de diferentes sujeitos é possível (e imprevisível) a qualquer momento.

2- Deus: substância infinita que compõe todas as coisas, o dentro onde estão todas as coisas. Todas as coisas (inclusive nós, animais do conhecimento): parte limitada da substância infinita. Nossa “substância” seria alguma coisa infinitesimal perdida no meio do oceano infinito de possibilidades que é o mundo, deus, natureza, que quer que seja o nome que damos ao Todo. A expressão dessa partícula única já é outra coisa, a expressão da própria existência de um ser necessita do contato com um “outro”, que já o modifica, o transforma em outra coisa.¹⁴ Nós nos articulamos nos recriando o tempo todo. O rizoma nos precede. Precede o eu, precede, o Estado, a civilização, a razão, todas essas máquinas de captura. Mesmo assim o rizoma não para de incidir sobre essas mesma máquinas reguladoras. Não paramos de encontrar pessoas diferentes, de esbarrar em experiências estéticas, de passar por situações que nos colocam em conflito com a estruturação cotidiana da nossa vida. Muitas vezes o estranhamento é tanto, ou o acúmulo de estranhamentos reprimidos é tamanho, que explodimos. A loucura é o lugar-comum de classificação desses sintomas para-normais da modernidade, na sua pulsão frenética de erigir linhas duras de afastamento da experimentação espontânea do real-caos!

3- Capitalismo: processo contínuo de produção e repressão de loucura em larga escala; Exemplo: as neuroses e as drogas anti-depressivas.

Loucura: processo inevitável de desconstrução do corpo normal; Exemplo: esquizofrenia

Loucura potente: destruição das estruturas repressoras com margens a abertura de espaços de criação; Exemplo: o teatro.

¹³ Adão Dãnxalebaradã: morador da favela de Cantagalo-Rj, negro, pobre, paraplégico, macumbeiro, compositor de mais de 500 músicas, grande filósofo e sociólogo da marginalidade. Só ficou conhecido após um curta realizado durante as filmagens de “Notícias de uma guerra particular”, por João Moreira Salles, Daniela Thomaz, Katia Lund e Walter Salles. Morreu em 2004.

¹⁴ Essa é uma interpretação livre, vulgar e sem pretensões de ser coerente com a idéia original do autor (que certos hermeneutas clássicos não leiam isso), das intrincadíssimas definições de ESPINOSA acerca de *deus, substância e afecções*. Primeiras páginas de *Ética*. 1983

Loucura de merda: destruição das estruturas repressoras e destruição de si mesmo, com margens a obstrução dos espaços de criação e ao desenvolvimento de novas estruturas ainda mais repressoras; Exemplo: o crack.

4- 19/04/2010

Em um programa veiculado hoje pela TV Cultura¹⁵ o sociólogo Laymert Garcia dos Santos fala da tendência hegemônica do desaparecimento do humano nas sociedades pós-modernas em função da crescente eficácia das técnicas de controle sobre a vida e sobre a natureza – um devir-robotizante da humanidade. Segundo ele, no mundo de hoje, tudo está dado, a informação, o saber, a arte, tudo está no seu limite. Limite aqui, porém, não quer dizer o fim, pois ainda nos restam infinitas possibilidades de combinação desses diversos dados limítrofes – Tom Zé diz algo semelhante no texto introdutório do seu CD “com defeito de fabricação”, intitulado “a estética do plágio”¹⁶, segundo o qual toda forma de criação surge da ação plagiadora recombinatória, idéia essa que não deixa de ser, ela mesma, uma recombinação das correntes antropofágicas do modernismo brasileiro, e da trans-identidade do movimento tropicalista. Dessa forma, para Laymert, a saída para o totalitarismo do controle está nas possibilidades de atualização e re-combinação de sentidos, tecnologias, tradições, que nos convocam incessantemente a inventar novas realidades, realidades que escapem a essa da qual assistimos a ascensão na forma da grande narrativa tecno-genética.

5-no mesmo dia

Por um interessante acaso do destino (ou não) seguiu-se a esse programa um documentário fantástico sobre os índios de Cuiabá intitulado “a trama do olhar”¹⁷, que me fez pensar mais profundamente sobre essas questões

(há de continuar)

...

6- Sabe, eu discordo da idéia que o capitalismo tenha se tornado um sistema tão aberto e rizomático (tão cínico) que não exista lugar que o escape. Hakim Bey diz que

¹⁵ <http://www.cpfcultura.com.br/site/2010/03/24/modernidade-e-a-dominacao-da-natureza-laymert-garcia-dos-santos/>

¹⁶ 1998. <http://www.tomze.com.br/pdefeito.htm>

¹⁷ Dirigido por Glória Albues. <http://www.tvbrasil.org.br/doctv4/?p=612>

esse lugar (e tempo) existe, ele existiu e existirá, um principio de que o principio do mundo é Caos, Caos que se renova através do infinito, ele repugna a ordenação e sempre ataca aqui e acolá, às vezes em territórios tão microscópicos que ninguém o percebe, mas uma hora começa a explodir em linhas que saltam fora dos eixos cartesianos, que subvertem as previsões, as prisões, as pulsões....

A TAZ virá emergir em um encontro qualquer, de uma confluência de histórias que desmoronam nossos padrões de certeza. O pensamento, o comportamento, a moral e até os limites fisiológicos podem explodir nessas confluências. Essa desconstrução pode ser disparada por sensações fantásticas, por epifanias iluminadas, orgasmos coletivos. Politicamente falando, aquilo que vulgarmente se chama de arte, é a linguagem que mais choca as percepções. A intervenção artística (qualquer que seja seu suporte, embora as idéias que a emulam e as afetações que ela desencadeia sejam discutíveis) é um elemento caótico estratégico no embate de sentidos com a sociedade de controle em processo de hegemonização.

Vendo Laymert e o documentário dos índios pude pensar que o que vemos é um terrível monstro agigantar-se nas nossas costas, um Leviatã tão imenso que nem Hobbes imaginaria, mas nós ainda estamos vivos, ah estamos sim... A sociedade de controle é um conceito, uma nomeação de algo que esta em devir, assim sendo, ela mesma é uma *possibilidade*. Não é uma certeza, um juízo final; ela é um alerta para “o que está se tornando possível”. Esse enunciado não pede conformação, nem sequer oposição, pede ação! Não adianta nada dizer “é assim que funciona”, é preciso dizer “o que fazemos para funcionar de outra maneira?”

...

(o que tinha que continuar)

A maior parte desse filme foi realizada por uma equipe de filmagem indígenas de aldeias das margens do rio Cuiabá, no Mato Grosso. O vídeo mostra aspectos do cotidiano e da filosofia de vida indígena, mostra as afetações causadas pela ocupação ostensiva dos *warazu*¹⁸ e capta aspectos da vida e das idéias dos próprios warazu do centro de Cuiabá, tudo através do olhar cinematográfico do próprio índio. Por um lado isso nos leva a criticar a influência da cultura ocidental sobre as comunidades autóctones, passando a caracterizá-las

¹⁸ Palavra usada pelos A'uwê para designar nós, os não-índios.

como aculturadas, o que as empurra necessariamente para uma lógica de relações capitalistas; ou para dizer de outra maneira, o contato dos índios com esse tipo de tecnologia denuncia sua posição no banco de dados do controle contemporâneo... Agora, por outro lado, isso diz também de uma outra lógica de relações, a exploração pelo índio de um instrumento de controle ocidental funciona como uma máquina de guerra: Ocupar o espaço deixado livre pelo lado que nos ataca (nesse caso as frestas de financiamentos culturais, frestas institucionais, frestas na programação da TV) para os atacar. Afinal o aparelho de mídia capitalista, burguês e tudo mais, uma vez que transmitiu esse filme, já contaminou seu público-rebanho com a provocação estética/política/afetiva da luta indígena. E agora?

7- O argumento de que o índio deixa de ser índio quando se rende aos aparatos tecnológicos do mundo branco só pode ser verdadeiro para nós, warazu. Pois não nos passa pela cabeça a noção de uma tradição que, sem deixar de ser tradição, acompanha o movimento do mundo, agrega novos componentes, se transforma. No limite, podemos perceber uma desorganização do corpo-pleno-indígena (utilizar a tecnologia áudio-visual como extensão do corpo e da fala) em uma luta contra a dominação branca, sendo travada no seio dessa própria cultura dominante, seu meio de comunicação por excelência. “A trama do olhar” é um corpo-sem-orgãos, e por conseguinte, uma máquina de guerra.

Movimente-se...

1- Então, passo a entender por “sistema” não mais um plano de dominação, mas um plano de consistência ou, uma rede de modos de subjetivação. Enfrentamos um sistema conservador porque as pessoas com que nos relacionamos tem posturas conservadoras inscritas em seus corpos, nós inclusive, as ostentamos. Um sistema de regras, significados, noções de certo e errado materializa-se, no limite, na organização do próprio corpo. Não se sai da prisão do corpo sem uma provocação estética que proporcione a abertura de um campo de sensibilidade para movimentos que escapem à obviedade das normas historicamente incrustadas. Desnormalizar-se é navegar pelo oceano das possibilidades infinitas – se somos parte limitada da substância infinita de Spinoza, nossos limites dependem exclusivamente da rota que tomamos – é ocupar espaços fora do círculo de reações automáticas, re-inventar-se! A provocação estética abre uma janela para o infinito, na medida em que pode fazer uma pessoa questionar-se a ponto de redirecionar seu imaginário e sua relação com o mundo para territórios ainda não experimentados. A provocação estética é desse modo uma ação política.

No meu entendimento, muito mais libertária do que a busca pela unidade na luta. Ou melhor, talvez a tão almejada unidade na luta se dê justamente na afirmação da diferença, na busca pelo irrepreensível.

2- Se a loucura é produzida cotidianamente, se consideramos o capitalismo como uma máquina que ao mesmo tempo gera e reprime a loucura... assumindo isso como uma das condições da nossa contemporaneidade – a produção de barris de pólvora, bombas-relógio sociais – é também uma condição de resistência a esses modos de subjetivação que existam espaços livres, para a livre manifestação das loucuras, de maneira que essas loucuras se materializem em potências de vida, não em poder de morte.¹⁹ Esses espaços são espaços criativos, espaços de elaboração de desejos, onde as linhas de fuga para as opressões cotidianas ganham o máximo de possibilidades de conexão com outras multiplicidades. Esses espaços são as TAZ, embora TAZ possa ser criada de muitas outras maneiras discursivas diferentes desta, justamente por possuir infinitas arestas de combinação – esses espaços são TAZ: são teatros, são ruas que viram teatro, placas de sinalização que viram música, barulho que vira transe. São quebras temporais, morais, urbanísticas. São, por isso, por serem inusitadas, pontos privilegiados de ação. A intervenção cênica que acontece na rua subverte a normalidade cotidiana, é um contraste único. A poesia pode provocar um estranhamento tal que se compara ao choque de uma atrocidade – aquilo que Artaud chama de cruelade e Hakim Bey chama de terrorismo.

3- Se a vigilância é irrefreável²⁰, precisamos nos deixar filmar em cenas perturbadoras, precisamos transmitir imagens codificadas, onde nossos sujeitos não estejam presentes, justamente porque desaparecemos, não nos identificamos com tal ou qual organismo, nós nos desidentificamos através da arte-corpo-sem-órgãos. Artistas de rua são agentes do caos infiltrados nos mecanismos da ordem pública. A arte é uma brecha, ela é um território em disputa que se abre como possibilidade de ocupação dentro do sistema normativo²¹, embora esse território venha sendo constantemente dominado por forças de mercadorização que padronizam e neutralizam as potências estéticas e políticas do espetáculo.

¹⁹ O recente caso de assassinato em massa ocorrido numa escola do Rio nos remete imediatamente a essa loucura potente materializada em poder de morte, no melhor estilo dos enlatados culturais imperialistas made in USA.

²⁰ DELEUZE, 1992, p. 224

²¹ Porque o terrorista Banksy consegue promover ataques nos muros de Londres? Porque a burgstocracia londrina concede espaços de expressão ao “talento artístico”. Quem é Banksy?: www.banksy.co.uk/

Acontece que se as salas de espetáculo são cada vez mais dominadas pelo teatro propaganda e pelo público restrito e contemplativo (leia-se, elitizado), cada vez mais artistas que estão à margem desse círculo são obrigados a escavar por entre as frestas e ocupar outros espaços que se mantêm abertos: ocupam a rua (lugar consagrado ao trânsito em direção ao trabalho e às compras) e a anexam temporariamente ao território flutuante da arte, subvertendo o tempo e o espaço dos transeuntes; embrenham-se por entre as brechas institucionais e invadem a cadeia, a escola, o hospital psiquiátrico com o teatro-máquina-de-guerra. As TAZ acontecem em todos esses lugares onde o controle foi temporariamente subvertido pela estética e pela singularidade do acontecimento teatral.

4- Percebe-se que o movimento político defendido nessas linhas transgride os territórios tradicionalmente consagrados à política. Esses são: a cicuferência de ressonância das ações administrativas do Estado (tese) a organização revolucionária com a finalidade de tomar o poder (anti-tese)²². De alguma forma essa natureza de movimento social (estético, efêmero, anárquico) é a-político, do ponto de vista materialista, por ser “a-dialético”. A política aqui é entendida como a relação entre os seres pela produção de mudança, de diferença, sem um *télos*, ela não contradiz nada, ela afirma uma outra realidade no aqui e agora. A política do terrorismo poético - e todos os rizomas que a ele se ligam, escolho falar nesse momento especificamente do teatro – faz evanescer, ao instante de sua execução, os estratos que definem o sujeito e suas regras de ação no mundo, nesse instante, faz verdade uma utopia, talvez uma distopia... mas uma coisa que é única, e se detém nas paredes do inconsciente/consciente de quem é afetado por ela. Desaparece essa política microfascista, ou microestatizante, emerge a liberdade, o encantamento, a revolta. “O político se efetiva no teatro justamente quando não pode ser retraduzido em lógica, sintaxe e conceituação do discurso político, na realidade social, (...) o político no teatro não é uma interpretação, mas sim uma interrupção do político.”²³

As TAZ nossas de cada dia

1- Relato de Experiência Estética

²² Trata-se daquela política reta, “filha da prática, filha da tática, filha da máquina” da qual “essa guerra sem vergonha na entranha, não estranha nada”, diria Tom Zé.

²³ KOUDELA, 2010, p. 07.

1.1- As TAZ brotam de forma rizomatica. Impossível prever onde, quando ou como elas vão acontecer. Tal como a peste de Artaud²⁴, uma provocação estética atravessa os corpos desencadeando agenciamentos dos quais não se pode saber onde vão parar. Nesses desvios abertos pela experiência estética podem aparecer TAZ a curto, médio ou a longo prazo. Ultimamente eu venho descobrindo o teatro como linguagem de desconstrução do corpo e como provocação estética. E venho imaginando como seria possível a articulação dessa linguagem com o propósito político de formação das TAZ.

1.2- *Cenário*: No ano de 2009, Herbert Proença (cabo), Rafael Avansini (homem livre n° 1), Miguel Mattoso (h.l. n° 2), Pedro Varanese (h.l. n° 3) e André Castanheira (um homem livre), todos componentes da Companhia Teatro de Garagem, se juntaram para dar cabo a idéia - proposta pelos dois primeiros – de fazer uma montagem coletiva e anárquica. O texto foi construído a partir de uma colagem de textos de Alfred Jarry, Sartre, Cecília Meireles, Bertold Brecht e dos próprios atores. A ação gira em torno de um exercito que pretende ensinar e exercitar a liberdade, os soldados são obrigados a desobedecerem seu cabo a todo o instante, correndo o risco de serem punidos cada vez que obedecerem uma ordem ou que desobedecerem à ordem suprema de desobedecer.

Homem Livre n° 3: A idéia era a de funcionar mesmo como um vetor de provocação. Provocar o que, não sabemos.

Homem Livre n° 1: Fazer com que as pessoas se tocassem pela linguagem do teatro e se sentissem impelidas a repensarem seus conceitos e suas posturas de liberdade.

Cabo: Nossa maior preocupação foi em não fechar a idéia de liberdade. Mas apresentar um paradoxo, uma situação de tensão entre um ideal de liberdade e os usos prisionais que são feitos desse ideal.

²⁴ “Estabelecida a peste numa cidade seus quadros regulares desmoronam, não há mais limpeza pública, nem exército, nem polícia, nem prefeitura. (...) Os mortos já atravancam as ruas, em pirâmides instáveis que animais roem aos poucos. (...) É então que as casas se abrem, que pestíferos delirantes, com os espíritos carregados de imaginações pavorosas, espalham-se gritando pelas ruas. O mal que lhes corrói as vísceras, que anda por seu organismo inteiro, libera-se em jorros através do espírito. (...)”

Entre o pestífero que corre gritando em busca de suas imagens e o ator que persegue sua sensibilidade; entre o vivo que se compõe das personagens que em outras circunstâncias nunca teria pensado em imaginar, e que as realiza no meio de um público de cadáveres e de alienados delirantes e o poeta que inventa personagens intempestivamente e as entrega a um público igualmente inerte ou delirante há outras analogias que explicam as únicas verdades que importam e que põe a ação do teatro e da peste no plano de uma verdadeira epidemia.” ARTAUD, 1993, pp 17-19.

Homem Livre n° 2: É claro, nem nós mesmos temos claro o que significa ser livre, se restringíssemos o significado da palavra estaríamos atentando contra a própria liberdade do público de pensar o que é liberdade.

Um Homem Livre: E eu acho que é aí que esse tipo de linguagem teatral se difere da linguagem do Teatro do Oprimido, não temos intenção de fornecer respostas para guiar a prática política.

Homem Livre n° 1: Pelo contrário, acho que a nossa prática política é puramente estética, ela se dá no âmbito da provocação mesmo. Sobre as reflexões, ações e posturas que vão surgir a partir dessa provocação nós não temos (e nem devemos ter) controle.²⁵

1.3- Apresentamos pela primeira vez no meio de Encontro Regional de Estudantes de Psicologia, que aconteceu na UEL em outubro do ano passado. Chegamos no meio do acampamento sem sermos anunciados, fizemos nossa intervenção e fomos embora. Todas as discussões do evento giravam em torno da busca de novas formas de atuar politicamente. Imaginava-se mesmo em fazer com que o encontro acontecesse como uma TAZ. A forma como a intervenção afetou as pessoas que a presenciaram não foi medida, mas ela esteve em articulação com uma rede rizomática de acontecimentos durante o evento – de natureza política, filosófica, musical, erótica, espiritual, alucinógena, amistosa etc – que fez as pessoas saírem dele questionando suas formas de atuar e viver no mundo. Não são em momentos como esse que nos sentimos livres, potentes, atuantes?

1.4- Tivemos a experiência de apresentar a intervenção na Escola Estadual Nilo Peçanha, para as turmas do Ensino Médio noturno. A sensação de impacto foi totalmente diferente da apresentação para os universitários. Sentimos a molecada se deparando com algo realmente novo. Em alguns, os olhos brilhavam, outros riam, outros refletiam, outros se enrijeciam. Dessa vez, experimentamos o debate pós-apresentação. Achamos que a troca de idéias seria fundamental para incitar o questionamento dos adolescentes sobre suas idéias de liberdade. Porém, tive uma discussão recente com o Herbert sobre a especificidade da linguagem teatral, que devido ao seu caráter irreal, tem o poder de provocar sensações inauditas no corpo das pessoas. Pensamos se um debate esclarecedor, revelador e objetivamente argumentado, logo depois de uma peça, não poderia ter um efeito cerceador

²⁵ A organização das idéias desse diálogo é fictícia. Todo o resto não.

sobre a atividade criativa deslumbrada dos que a presenciaram. Acredito ainda que a troca de idéias é fundamental, mas ela não deve ser parte da atividade teatral que tem por função ética o alargamento das potências imaginativas ao inimaginável e ao incontrolável. Rizoma: nunca se sabe de onde vai brotar. TAZ: nunca se sabe quando vem nem quanto tempo vai durar.

1.5- *Entra em cena o Escravo* (Everton Bonfim): No início do ano de 2010 um outro personagem surgido de dentro das páginas de Jarry foi parar no meio da trama da peça. Complexificando a questão da liberdade, uma vez que o Escravo diz obedecer a qualquer ordem, por vontade própria. Acorrentado a um par de sapato que fica longe de seus pés mas ao alcance de suas mãos (o uso de sapatos era um símbolo de alforria para os escravos brasileiros, obrigados a trabalhar descalços) ele é forçado pelos Homens Livres que encontra no caminho a aprender a desobediência.

Escravo: A entrada do novo personagem foi possível porque percebemos a natureza mutante desta peça, que parece trazer sempre uma mudança a cada nova apresentação. Homens Livres é um projeto em aberto, parece ser de fato um espaço livre (*risos*). Essa mesma natureza mutante possibilitou a entrada da Tássia (Guarnieri) no lugar do Miguel, que agora se ocupa do papel de Oráculo Sonoro. A Tássia fará o papel de um Homem Livre, será chamada de homem pelo cabo, acreditamos que essa contradição explícita vai provocar outros sentidos em relação ao texto...

Homem Livre n.2 (agora uma mulher): E podemos inclusive brincar com isso no texto... Isso que é legal também da dinâmica de uma peça de rua, nossa atuação é sempre imprevisível, por ter lugar num espaço imprevisível que é a rua...

Oráculo Sonoro: Imagine se um bêbado invade a peça, isso não pode passar despercebido para nós, teríamos que improvisar alguma coisa, que não poderia ser repelir o cara, ela tá lá entendeu? É público, mas não só, ele está interagindo, está participando da construção do espetáculo, determinando como ele será entendido...

Cabo: Pois é, não podemos reprimí-lo, vai contra nossos exercícios de liberdade (*risos*). A não ser que essa repressão acontecesse como uma piada, já fazendo sua própria crítica, devido ao contexto paradoxal em que estaria inserida...²⁶

2- Retratos de experiências estéticas

²⁶ A organização das idéias desse diálogo também é fictícia, todo o resto continua não sendo.

2.1- Eu não estava entendendo nada, mas sentia algo estranho no corpo. E quem foi que disse mesmo que teatro é pra ser entendido? O fato é que agente é viciado demais em compreender as coisas... talvez daí que venha uma parte da crueldade do teatro, é cruel na medida em que desnor-teia teu senso de certo e errado, ao mesmo tempo que te captura num aspecto nonsense da sua própria subjetividade... é o corpo que fala, é o corpo que escuta... e embora não estivesse entendendo nada daquele entra e sai de figuras estranhas do palco sob a narração italiana microfonada da garganta daquele homem engravatado, meu corpo escutava apreensivo...

O cenário que já havia sido montado e desmontado várias vezes agora reproduzia o ambiente de um lar bem burguês e arrumadíssimo, a madame sentada na poltrona, fumando sua cigarrilha levantava e tornava a sentar, entra a empregada, na verdade um magrelão de uns dois metros de altura, com as pernas de fora, enxugava suas lágrimas com o pano, se deixava desabar no chão, aproveitava para esfregar algum restinho de poeira, levantava e reiniciava o ciclo. Um homem de terno a caminho do trabalho, deixa sua maleta no chão, olha as horas no pulso, pega a maleta, procura o ônibus, olha as horas... uma estátua humana para no canto da sala, entram o menininho e a menininha com síndrome de down, a sala inteira é povoada por personagens que repetem compulsivamente os gestos mecânicos do cotidiano... de repente... o porta-retratos da mesinha se espatifa no chão, a trilha sonora do filme “Psicose” invade o teatro, as pessoas excessivamente normais começam a surtar, os objetos sala assepticamente burguesa começam a ser destruídos, o menininho começa a estuprar a menininha, a empregada aparece com um espelho de banheiro, um nariz gigante, despeja um saco de cocaína sobre o espelho e da um tiro, a estátua-humana volta cheio de sangue nas mão e na boca, uma revolução, uma guerra, uma carnificina, um caos! Ao fundo a narração apocalíptica das palavras de Buda sobre a guerra... “Até não sobrar mais nada com vida! Até não sobrar mais nada com vida!!!” – esperneia o diretor no momento em que a devastação já é total, quase, um cachorrinho de pilha ainda consegue andar em meio aos destroços... entra o homem barbudo de pernas inúteis, andando de um lado para o outro sobre suas muletas repete a epígrafe de Che: “uma revolução só é possível com um grande sentimento de amor...” “Mais alto...” – ordena o diretor... “Uma revolução só é possível com um grande sentimento de amor!” ... “Mais alto!!!” ... “Uma revolução só é possível com um grande sentimento de amor!!!!” ... “MAIS ALTO!!!!” ... “UMA REVOLUÇÃO SÓ É POSSÍVEL COM UM GRANDE SENTIMENTO DE AMOR!!!!” ...

... Guerra ... é o nome desse espetáculo, dirigido pelo homem de gravata e microfone, o italiano Pippo Delbono... A guerra é interna, ao mesmo tempo que é socialmente

provocada e travada, principalmente pelos atores do espetáculo, todos eles travando uma guerra para existirem e serem reconhecidos em sua diferença, num mundo de iguais. Todos eles são, descobri mais tarde, anormais, recrutados de dentro dos muros de instituições de controle psiquiátrico, para dar vida aos seus desvios, para trazer ao civiliadíssimo público do FILO²⁷ a angústia da marginalidade, não em palavras, sintaxe, explicação... mas em sentimento, em crueldade....

2.2- Desde 2004 o grupo de teatro Criando a Liberdade vêm explorando a potência política da estética teatral, realizando oficinas com os internos da Penitenciária Estadual de Londrina. Não vou me deter em relatar todas as transformações provocadas por esse projeto, trabalho já realizado pelo ator, jornalista, psicólogo e historiador Apolo Theodoro²⁸. Vou me limitar a citar apenas um exemplo do impacto que teve essa experiência na vida de alguns detentos. Um belo dia, um dos internos que participava das oficinas, de tão estupefato que estava com a descoberta desse universo de criação artístico, solta essa: “Pô, teatro é mais louco que crack!”... precisa dizer mais alguma coisa?...

2.3.1 - Ano passado um grupo de professores do CCH da UEL organizou um evento chamado “Como chama isso?” que tinha por mote o questionamento da linguagem e a proposição de intervenções/interações estético-poéticas enquanto alternativas ao formato discursivo acadêmico. Por três dias a academia esteve repleta de artefatos poético-terroristas. Como foi um evento encabeçado pelo corpo docente, houve permissão para que os absurdos acontecessem sem muitos aborrecimentos, desde que... tudo voltasse ao normal quanto do seu término.

2.3.2- Mas não voltou exatamente. As paredes poetizadas dos banheiros foram limpas por funcionários da UEL, o que provocou a seguinte postagem anônima nos banheiros: “A verdadeira arte é limpar azulejos”. Eu concordo que limpar azulejos deve ser uma verdadeira arte. Mas discordo que a parede estivesse suja e precisasse ser limpa. De qualquer maneira, essa reação foi uma afetação particular daquela pessoa (ou daquele grupo de pessoas). E isso diz respeito ao caráter imprevisível do impacto político inerente à ação artística.

²⁷ Festival Internacional de Teatro de Londrina: FILO, Catálogo 2010, p. 41
²⁸ THEODORO, 2007

2.3.3- A parede em frente a sala 109 estava repleta de pinturas e escritos até poucas semanas depois do evento, quando ela foi totalmente encoberta por tinta branca. E assim ela ficou durante um bom tempo, até que um estudante que se auto-denomina “Um ou vários impostores” gravou uma inscrição (da qual eu só lembraria se ela ainda estivesse lá) sobre onde antes se via cores e poesia. A inscrição era uma frase sobre a função repressora da tinta branca. A partir disso, começou a aparecer mais inscrições, colagens, desenhos, pichações. Cada intervenção tinha um teor: umas questionando o sumiço das intervenções anteriores, outras de deboche, outras pregando violências ao reitor, outras reacionárias, outras pornográficas, outras a-significantes. O que interessa é que sobre a história que tinha sido apagada, outra começou a ser escrita. Uma intervenção estética provocou um movimento político heterogêneo, anônimo, criativo, subversivo e de consequências imensuráveis que não podem ser desprezadas, como todo movimento político acaba sendo. Qual? O evento, o cartaz no banheiro ou a inscrição na parede? Nenhum e todos. Os três podem ser cartografados dentro de um campo de ações rizomáticas. As TAZ surgiram em momentos diversos dentro de cada um deles e nos interstícios entre eles.

3- Projeto de experiência estética

Podemos olhar para as delimitações espaciais da cidade, os muros, os portões, os postes de sinalização, para esses dragões de aço do mundo urbano em toda sua aridez impostada, e ver apenas um sufocante amontoado de caixas de aprisionamento. De fato, também se trata disso...

Mas imagine agora umas 20 pessoas, cada uma com duas baquetas de bambu nas mãos, andando pelas opressivas vias cotidianas, e arrancando de todos os objetos que encontram pelo caminho, notas inusitadas. Os portões dos condomínios verticais virão agogôs e vibrafones, as grades das escolas transformam-se em imensos reco-recos, fazem-se surdos das tampas de boeiro, afaias das caçambas de entulho, caixas de guerra com as latas de lixo, sinos com os semáforos, gongos com as inúmeras placas de “proibido isso, proibido aquilo”... todos encontrando-se no pulso da caminhada, delirando em tom de transe sensorial...

Dá-se uma outra alma para o caos urbano, transformando-o em caos potente. Ao aproximar-se dos focos pulsantes da cidade, é muito provável que a turba de bárbaros musical atraia a atenção das almas-penadas que transitam entre as obrigações da vida disciplinada e os desejos do mundo dos reclames tele-comerciais. Num dado momento do transe (ou da desordem, diriam os mais opus-deístas) as baquetas passariam gradativamente

das mãos desses anarquistas organizados para as mãos dos mais curiosos, ou dos mais entregues entre a multidão. Os primeiros seriam os bêbados, em seguida as crianças, os moradores de rua, não seriam repreendidos pelo grupo, por maior que fosse a dissonância que causassem... esse seria o momento para os corpos abafados ou silenciados que procuram desesperadamente uma linha de fuga (ou para os que embarcam numa linha de fuga constante auto-destrutiva) uma forma de expressão, de trans-bordamento das potências repreendidas. É possível que daí até mesmo os transeuntes mais sisudos, os trabalhadores comprometidos, os moralistas de rede-globo, se entreguem a esse momento de descoberta de um outro mundo dentro do mesmo mundo de todo dia.

Pode acontecer então, desse levante repentino ser rapidamente reprimido e desbaratinado pelas forças ordenadoras. É provável também que uma repressão provoque um choque mental na população. “Como assim não posso tocar aqui?” A multidão sai do controle, passa a desrespeitar os patrimônios públicos e privados, destrói tudo que levou séculos de civismo para ser construído, por um instante de libertação musical. Quem sabe a tão esperada revolução não estoure com a batida de asas dessa pequena borboletinha?...

BIBLIOGRAFIA:

ARTAUD, Antonin. O teatro e a peste. **O teatro e seu duplo**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BEY, Hakim. **TAZ: Zona Autônoma Temporária**. Trad. REZENDE, Renato. 2. Ed. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2004.

BEY, Hakim. **Caos: terrorismo poético e outros crimes exemplares**. Trad. DECIA, Patricia & REZENDE, Renato. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2003.

BURROUGHS, William S. **Almoço nu**. Trad. COSTA, Mauro & COSTA, Flávio. São Paulo: Circulo do Livro S.A., s/d.

DELEUZE, Gilles. Pós-Scriptum: sobre as sociedades de controle. In **Conversações**. Trad. PELBART, Peter Pal. São Paulo: Editora 34, 1992.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O anti-édipo: capitalismo e esquizofrenia**. Trad. LAMAZIÈRE, Georges. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Introdução: Rizoma. Trad. GUERRA NETO, Aurélio. In _____ **Mil Platôs** vol.1. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

_____ 28 de novembro de 1947 – como criar para si um corpo sem órgãos. Trad. GUERRA NETO, Aurélio. In _____ **Mil Platôs** vol. 3. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

- _____ 1933 – Micropolítica e segmentaridade. Trad. ROLNIK, Suely. In **Mil Platôs** vol. 3. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
- ESPINOSA, Baruch. De Deus. Trad. CARVALHO, Joaquim de. In **Ética**. (Os Pensadores). São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- FOUCAULT, Michel; DELEUZE, Gilles. Os intelectuais e o poder. In FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Org. e Trad. MACHADO, Roberto. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- HARDT, Michael. A sociedade mundial de controle. In ALLIEZ, Éric (org.). **Gilles Deleuze: uma vida filosófica**. Trad. OLIVEIRA, Ana Lúcia de. São Paulo: Editora 34, 2000.
- KOUDELA, Ingrid. O direito de dizer não. In **Cavalo Louco: Revista de teatro / Tribo de atadores ói nós aqui tra veiz**. Ano 5. Nº8. Julho, 2010.
- PELBART, Peter Pal. **Vida capital: Ensaio de biopolítica**. São Paulo: Editora Iluminas, 2003.
- THEODORO, Apolo. **Criando a liberdade**. Londrina: Atrito Art, 2007.